



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14351 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

(A)BORDAR CURRÍCULOS PELOS VIESES DAS NARRATIVAS DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Luziane Patricio Siqueira Rodrigues - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

(A)BORDAR CURRÍCULOS PELOS VIESES DAS NARRATIVAS DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Resumo:

Objetivando investigar sentidos atribuídos, por nós, professoras, às práticas propostas com crianças de 2 a 5 anos de idade, o presente trabalho apresenta as linhas gerais de uma pesquisa de doutorado em andamento, com foco central da investigação nas narrativas de docentes de uma unidade municipal de Educação Infantil, de um município fluminense. Imersa no fluxo comunicativo das conversas, o problema da pesquisa começa a se delinear na direção de identificar como os saberes docentes são mobilizados na produção curricular, entendendo os currículos como criação (OLIVEIRA 2012). Assumindo as rodas de conversas e bordados como abordagem metodológica, as docentes foram convidadas a iniciar um bordado, enquanto mergulhavam (ou não) nas narrativas compartilhadas. Na tessitura dos fios que dizem sobre as práticas, para apresentação das narrativas, opto pelas mônadas (PETRUCCI-ROSA, 2011), que consistem na organização das transcrições em pequenas histórias com a edição de um título. Desse modo, assumo a postura do cronista retratado por Benjamin, (1987), sugerindo a continuação das histórias docentes, convidando também o leitor ao diálogo na ampliação dos sentidos e conexões. Dentre as possíveis contribuições e análises, destacam-se a possibilidade de desinvisibilização de currículos que consideram as especificidades das relações dos parceiros significativos na criação cotidiana.

Palavras-chave: Currículos. Educação Infantil. Professoras. Narrativas.

“Qual o currículo daqui?” Era o questionamento das professoras ao chegarem da convocação do concurso público em uma unidade municipal de Educação Infantil, no início do ano de 2019. Nas conversas de corredores, não raro, surgia um pedido de uma relação de conteúdos ou curiosidades sobre as especificidades do trabalho com as crianças. Tais questionamentos se fundem à minha história enquanto professora e pesquisadora, e assim, entre conversas e lembranças, surge uma pesquisa de doutorado em andamento, a qual, tem por objetivo, investigar sentidos atribuídos, por nós professoras, às práticas propostas com crianças de 2 a 5 anos de idade, tendo como foco central da investigação as narrativas docentes.

Importante considerar que nem sempre foi admitida a existência dos currículos na Educação Infantil, haja vista, o termo era associado às práticas escolarizantes nos moldes dos segmentos posteriores, logo, algo que deveria ser evitado. Em 2019, ao serem revistas, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) -documento que apresenta os princípios basilares do trabalho com as crianças em todo território nacional - trazem expresso o termo, caracterizando-o, em seu Art 3º, como o conjunto de práticas que articulam os saberes e conhecimentos das crianças com os conhecimentos que lhes possibilitem o desenvolvimento integral. As DCNEI também pontuam a necessidade de se considerar as crianças como centro do planejamento curricular, logo, tais currículos, distanciam-se das práticas escolarizantes, adaptadas às crianças menores -, tão corriqueiras na gênese da pré-escola -, e estão sendo produzidos a partir das crianças, dos modos como elas vão se reconhecendo como sujeitos históricos.

Nas conversas com as professoras, pude perceber alguns indícios que ajudaram a delimitar o problema da pesquisa. Como os saberes docentes são mobilizados na produção curricular? Não raro, percebia-se nas narrativas o entendimento de currículos pensados e propostos por um agente externo às práticas com as crianças, trazendo expressa a ideia de currículo como programa/lista de conteúdo determinados por outros sem a participação efetiva do professor e das crianças. Mais uma vez, essas narrativas evocam à minha história, pois reconheço minha expectativa enquanto professora iniciante e que expressava a ideia de currículo como programa/lista de conteúdo determinados por outros sem a participação efetiva do professor e das crianças. Isso me instigou a investigar: que currículos, nós, professoras, esperamos encontrar na Educação Infantil?

Compreendo com Nilda Alves (1999) que somos constituídos por redes de conhecimentos e significações que nos formam. Assim sendo, quando adentro as salas de aula como professora, estou imersa em vários contextos que me constituíram, frutos de minhas experiências pessoais, sociais e escolarizantes que

compõem minha bagagem. Logo, é essa bagagem que iremos recorrer ao iniciar a docência, bem como na produção curricular.

Considerando que os currículos não estão postos, antes, são produzidos nos cotidianos, em um movimento vivo, em que se consideram, dentre outras coisas, as vivências, os conhecimentos das professoras e os modos em que as crianças vão se reconhecendo como sujeitos históricos, assumo com Oliveira (2012) que os currículos são “criação cotidiana” (OLIVEIRA 2012, p. 17).

A pesquisa se insere no campo dos estudos com os cotidianos. Por cotidianos, refiro-me à função criadora da vida e das relações resultante dos diversos *espaçostempos* em que a existência humana se reinventa (FERRAÇO C. E.; SOARES M. da C. S.; ALVES N. p, 90). Longe de ser lugar de repetição, os cotidianos são espaços de criação (CERTEAU, 2014), bem como os currículos.

Opto pelas narrativas como escolha metodológica, percebendo-as como possibilidade de reconfigurar os currículos (a)bordados e tecidos a partir das práticas narradas. As professoras foram convidadas a participar das rodas no horário destinado ao planejamento coletivo da equipe. Nessa direção, a pesquisa constituiu-se num espaço colaborativo de formação, uma vez que possibilitou que mobilizássemos aprendizagens e saberes, enquanto compreendíamos e ampliávamos a nossa formação. As rodas de bordados e conversas foram pensadas no intuito de acionar outras lógicas e estéticas. A partir do que as professoras contam de suas práticas, interessava-nos os “restos”, as coisas que poderiam ser rotuladas como desimportantes, mas que, na verdade, compõem a produção curricular, por tratarem de singularidades e processos formativos únicos, mas coletivos, ancorados nas experiências pessoais de cada professora.

Desse modo, nos assumimos como sujeitos da experiência, que a partir das vivências singulares, elaboramos nossas narrativas, narrando aquilo que tem sentido, o que de certo modo nos tocou e que suscitarão novos sentidos. Portanto, defendo que:

[...] para compreender a vida dos professores e suas práticas nas escolas, parece-nos que o melhor caminho é fazê-los narradores do próprio trabalho e da sua constituição como docente, apoiando-os em seu processo de se fazerem professores e pesquisadores, sujeitos que querem compreender o que lhes toca, o que lhes acontece e o que fazem acontecer. (LIMA, GERALDI, GERALDI, 2015, p. 40)

Buscando coerência entre conteúdo e forma, para apresentação dos dados, emprego a metodologia proposta por Petrucci-Rosa (2011), que consiste na organização das narrativas em pequenas histórias ou crônicas, com edição de um título, que recebem o nome de mônadas.

Para Benjamin (1987), a experiência opera como uma forma comunitária de organizar e viver a vida, o que ao meu ver, se assemelha muito aos processos formativos coletivos que podem ser apreendidos nas conversas entre as docentes. Assim, nas rodas de conversas e bordados tornou-se possível compartilhar experiências que reforçavam a identidade do grupo.

A meu ver, as escolhas metodológicas possibilitam que as narrativas ganhem um papel de destaque em toda pesquisa, desinvisibilizando saberes docentes mobilizados na produção curricular (GARCIA, 2015), possibilitando-nos problematizar como o professor se percebe, como percebe a criança, bem como a educação das mesmas, desvelando particularidades do fazer docente na Educação Infantil. Sobre isso, trago uma das histórias da pesquisa para o diálogo, trazendo algumas contribuições suscitadas a partir das narrativas. Vale destacar que os nomes das professoras são fictícios.

As crianças mudam tudo

“A aula hoje é sobre isso. Ah tá, eu já sei o que eu vou fazer” E eu realmente me vi, primeiro, em desespero, porque eu falei “O que eu estou fazendo aqui?” Aquelas crianças... Aí, de repente eu me vejo lendo, eu me vejo estudando, eu vejo que eu não vou falar as mesmas coisas, porque as crianças vão me trazer coisas diferentes. É o que Rosa estava falando mais um pouquinho antes, que hoje a gente chega com uma proposta planejada e daqui a pouco a proposta não é aquela que você trouxe, porque as crianças mudam tudo e é isso. E vamos lá, entendeu? E no Ensino Fundamental não me trazia muito isso assim. Eu já tinha exatamente o que eu ia fazer, porque eu já sabia o capítulo do livro que eu iria usar e eu já sabia tudo que estava escrito e achava que estava tudo bem. E aí, eu saí dessa zona de conforto e primeiro, eu Bruna, me senti desesperada. Não sei se você também, mas eu fiquei desesperada. (Professora Bruna)

Na primeira história, podemos perceber um pouco do processo formativo da professora Bruna ao chegar à Educação Infantil. O primeiro ponto que destaco nessa narrativa é o reconhecimento da sua inconclusão (FREIRE, 2019). O que ela reitera por três vezes como “desespero” em sua narrativa, eu associo como os princípios de uma educação como processo permanente, como bem sinaliza Freire, uma vez que essa professora se dá conta de seu inacabamento. Mas, de onde viria esse desespero? Uma possibilidade seria a herança da modernidade, a qual elege apenas um saber como válido e nós vamos replicando isso com nossos alunos e crianças. Pode-se inferir que uma das representações de docência é do professor detentor de todo saber, mas no encontro com as crianças, as certezas dessa professora foram postas em xeque. A meu ver, o reconhecimento de nosso inacabamento é um dos primeiros passos para considerar de fato, a criança como

centro do planejamento curricular.

Outro ponto que merece destaque na narrativa da professora é a autoria docente, pois ela afirma que no Ensino Fundamental, já sabia o que iria fazer, pois estava sinalizado no livro didático. Nessa direção, estaríamos abrindo mão da autoria e autonomia seguindo os manuais didáticos? Poderá a professora que não ocupa o lugar de autoria perceber a criança com que trabalha como autora, logo, participe dos currículos?

Posso ou devo transgredir?

A gente pode transgredir algumas coisas que a gente não achou legal. Igual ela falou “Se a direção viesse com o currículo pronto, o que você ia fazer?” Ela falou “Eu ia ler, eu ia entender o que eu achasse legal eu ia colocar em prática” (Paola)

Ao mesmo tempo em que há, por parte das docentes, o entendimento de pedidos por currículos pensados e prescritos por um agente externo às suas práticas, conforme já destacado, nessa narrativa, a professora usa a palavra “transgredir”, afirmando que os currículos de fato, estão articulados às redes que nos formam e que, na prática, os currículos criados resultantes daquilo que as professoras consideram como pertinentes na composição do projeto de educação que eles acreditam que suas crianças demandam. Isto é, criamos uma prática pedagógica acionando os repertórios que fazem sentido pra nós. Em outras palavras, a criança ocupará o centro do planejamento quando (e se) seu professor ou professora acreditar nessa concepção de educação e criança. Por essa razão, saliento que a discussão sobre os currículos na Educação Infantil caminhe junto com os processos formativos dos docentes. Uma possibilidade para isso, a meu ver é recuperar as narrativas, com vias ao reconhecimento dos saberes produzidos nas práticas cotidianas, operando contra o desperdício das experiências de adultos e crianças.

Em geral, a pesquisa sinaliza a existência de produções curriculares dinâmicas e redes de significações engendradas nas narrativas que dizem sobre as práticas de uma unidade específica, mas que revelam particularidades de ser professor na Educação Infantil, tornando possível, além de compartilhar histórias de autoria, tecer conexões que podem nos ajudar a ampliar a reflexão sobre os currículos na Educação Infantil e formação docente.

Referências

ALVES, N. Tecer conhecimento em rede. In: ALVES, N.; GARCIA, R. L. **O sentido**

da escola. Rio de Janeiro: D, P & A, 1999. p. 111- 120

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Brasiliense, 1987.

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

FERRAÇO C. E.; SOARES M. da C. S.; ALVES N. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 58o ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GARCIA, A. O encontro nos processos formativos: questões para pensar a pesquisa e a formação docente com as escolas. In: **37ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, 2015, Florianópolis. Anais da 37a Reunião Científica da ANPED. Florianópolis: ANPED/UFSC, 2015. v. 1.

LIMA, M. E. C. C.; GERALDI, C. G.; GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.31, n. 1, p.17-44, jan./mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v31n1/0102-4698-edur-31-01-00017.pdf>. Acesso em: 9 out.2019.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Alii. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

PETRUCCI-ROSA, Maria Inês. Currículo e narrativa: potencialidades das mônadas para uma outra compreensão dos acontecimentos educativos. In: MACEDO, Elizabeth; MACEDO, Roberto Sidnei; AMORIM, Antonio Carlos. **Discurso, texto, narrativa nas pesquisas em currículo**. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2009. (E-book GT Currículo). Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/gtcurriculoanped/documentos/LivroDigital_Amorim2009.pdf. Acesso em abril de 2021.